

**As “viagens ideais” do jornalista ítalo-argentino Aníbal Latino:
o Brasil como destino**

KÁTIA GERAB BAGGIO*

Esclareço inicialmente que este texto é parte de um projeto mais extenso, que pretende analisar os intercâmbios intelectuais entre o Brasil e os países hispano-americanos — assim como as interpretações e imagens construídas no Brasil sobre os demais países latino-americanos e vice-versa —, entre fins do século XIX e meados do XX. E, dentro desse amplo projeto, as relações entre Argentina e Brasil — assim como as representações construídas sobre os dois vizinhos, nos respectivos países — ganham destaque, em razão da maior frequência, no caso de argentinos e brasileiros, de iniciativas de promoção do intercâmbio, nos mais diversos aspectos: comercial, cultural, intelectual, científico etc.

Trataremos aqui de um relato de viagem publicado na Argentina, em 1925, intitulado *Viajes ideales*, de autoria de Aníbal Latino, pseudônimo do jornalista italiano Giuseppe Ceppi (1853-1939), radicado em Buenos Aires desde dezembro de 1883. Antes de ir para a Argentina, Ceppi viveu dez anos na Espanha, onde iniciou sua carreira no jornalismo e castelhanizou o primeiro nome, passando a assinar José Ceppi e, também, Aníbal. Logo que chegou a Buenos Aires, passou a trabalhar na imprensa portenha, tendo ingressado em julho de 1884 no jornal *La Nación*, fundado por Bartolomé Mitre, onde trabalhou por mais de duas décadas, até 01 de janeiro de 1906. Em *La Nación*, foi repórter, correspondente, colunista, até chegar a secretário geral, subdiretor e diretor interino, substituindo Emilio Mitre quando este se ausentava, principalmente para tratar da saúde. De 1906 a 1911, foi designado o primeiro diretor da Biblioteca do Congresso. Durante os muitos anos em que trabalhou em *La Nación*, publicou artigos e ensaios em revistas e jornais argentinos, espanhóis e italianos. Desde que chegou à Argentina, adotou o pseudônimo Aníbal Latino, com o qual assinou artigos e livros. Publicou onze livros, dos quais o primeiro e mais conhecido foi *Tipos y costumbres bonaerenses*, publicado em 1885. Em mais de uma obra, descreveu a capital argentina e seus “tipos urbanos”. Dedicou-se, particularmente, aos bairros populares de La Boca e Barracas, com muitíssima presença de italianos e descendentes.¹

* Professora do Departamento de História da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com Doutorado (1999) e Pós-Doutorado (2010) em História pela Universidade de São Paulo (USP).

¹ Sobre José Ceppi, ou Aníbal Latino, ver: MAYOCHI, 2003.

2

Depois de radicado em Buenos Aires, onde viveu até sua morte, aos 85 anos, Ceppi continuou a viajar. Atuando como jornalista, percorreu grande parte do território argentino, assim como voltou diversas vezes à Europa, visitando, com mais frequência, seu país natal, a Itália, além da Espanha, onde tinha vivido tantos anos (MAYOCHI, 2003).

Além de livros em que tratou da cidade de Buenos Aires e de viagens pelo interior da Argentina, como *Cuadros sudamericanos*, de 1888,² o autor publicou um *Guía del inmigrante a la República Argentina* (1898, edição bilíngue espanhol-italiano, em 3 volumes), o livro *Gentes y paisajes de Italia* (1901), além de coletâneas de contos, pequenas novelas, ensaios, artigos jornalísticos e estudos literários. Seu último livro publicado, em 1925, foi *Viajes ideales*, quando o autor italiano já contava mais de 40 anos de vida na Argentina, ou seja, tinha vivido mais tempo na América do Sul do que na Europa. Ceppi — ou Aníbal Latino, como assina *Viajes ideales* — iniciou seu livro justificando-o como um intento de indicar aos leitores viagens que não fossem nem muito longas nem muito dispendiosas. Segundo o autor, essas poderiam ser consideradas as “viagens ideais” para muitos viajantes ou pretendentes a viajantes. Entre elas, incluiu uma viagem ao Brasil, que ocupa 92 das 402 páginas do livro. Segundo Latino, uma viagem de 15 dias ao Brasil, para visitar Santos, Guarujá, São Paulo, Rio de Janeiro, Niterói, as ilhas da Baía da Guanabara e cidades da região serrana fluminense, como Petrópolis e Teresópolis, era

[...] a viagem mais agradável, mais breve, mais divertida e menos custosa que se podia fazer desde Buenos Aires. É o que poderia chamar-se uma “viagem ideal”, que, por diversos conceitos, supera às que podem empreender-se, mas que por outra causa, por razões de economia, a outras regiões mais próximas do Continente e da mesma República Argentina (LATINO, 1925: 6-7).³

O autor, entretanto, fez uma ressalva: a viagem deveria ser feita no inverno, para que o viajante, acostumado ao clima temperado do país platino, pudesse evitar os rigores do calor tropical. Toda a primeira parte do livro foi dedicada a tratar do desejo de viajar, das vantagens e inconvenientes das viagens, dos diferentes tipos de viajantes, das “viagens ideais” e, por último, das preferências do autor (LATINO, 1925: 9-69). Latino fez referências à atração que as viagens suscitavam pelo “desconhecido”, o “inesperado”, o “misterioso”. E constatou que

² O livro *Cuadros sudamericanos* está dividido nas seguintes partes: “Viajes y Descripciones”, em que discorre sobre a cidade de Buenos Aires e outras províncias e cidades argentinas (Mendoza, Santa Fé, Paraná e Bahía Blanca); “Los italianos en la Argentina”; “Europa y América”, em que trata de vários aspectos relacionados aos imigrantes europeus na Argentina; e, por último, “Periodismo europeo y americano”.

³ A tradução do espanhol ao português é de responsabilidade da autora deste texto.

3

“as multidões de viajantes constituíam um fenômeno essencialmente moderno”, iniciado na segunda metade do século XIX, em razão do advento dos navios a vapor, da eletricidade, da expansão das ferrovias, do crescimento no número e qualidade dos hotéis, ou seja, do turismo de massa. Mas o escritor ítalo-argentino alertou: “transcorrerá muito tempo, talvez algum século, antes que viajar por certas regiões dos países mais adiantados da América seja tão agradável e entretido como viajar pelos países mais adiantados da Europa” (LATINO, 1925: 10-16).

Ao tratar dos diversos tipos de viagem, Ceppi afirmou que se devia ter em conta a grande diferença entre ir a um país para gastar dinheiro — como em geral se fazia quando se ia à Europa — e ir ganhá-lo em outro, como acontecia com alguns países americanos: “nos primeiros, tudo está preparado para atrair e agradar, nos segundos a luta é rude e difícil”. E questionou, de certa forma antecipando o que iria ocorrer a partir das últimas décadas do século XX:

Por que os americanos do Sul não vão disputar ganhos com os ingleses, franceses, italianos em seus próprios países? Provavelmente modificariam muitas de suas opiniões. Unicamente vão esbanjar à mão cheia, e não é estranho que tudo lhes resulte fácil, cômodo, agradável, atraente (LATINO, 1925: 23).

O autor tomou partido de seu país de adoção, e não de seu país de origem. Afirmou que os europeus raramente viajavam a Buenos Aires para se divertir e gastar dinheiro. Ao contrário, vinham somente para ganhar dinheiro e voltavam satisfeitos quando esses ganhos eram fáceis e abundantes. Nesse sentido, Latino defendeu que os argentinos e demais americanos deveriam selecionar o destino de suas viagens, e escolher aqueles países que “maiores vínculos” tinham com eles e que demonstrassem “maior disposição para ajudá-los e favorecer o desenvolvimento de suas riquezas” (LATINO, 1925: 25). O autor chamou a atenção para o fato de que muitos argentinos, “tendo um conceito altíssimo e com frequência exagerado de si mesmos e de seu país”, voltavam da Europa com o “orgulho ferido”, ao constatarem que na França, Inglaterra, Itália ou Alemanha “ninguém” falava deles e que a maioria das pessoas parecia “ignorar que existia uma República Argentina”. E o “mais chocante”, segundo o autor, era que essa ignorância ocorria, também, na própria Espanha. Apesar de ser um viajante contumaz, o autor aconselhou, aos que tivessem limitações orçamentárias, que não se deixassem seduzir por viagens onerosas que só tinham por objetivo a diversão (LATINO, 1925: 25-28).

4

Em relação às “viagens ideais”, Latino admitiu que cada um daria uma resposta diferente, de acordo com os gostos, idade, sexo, condição de classe etc. Ainda que admitisse que o destino preferido dos argentinos e sul-americanos, de um modo geral, era ir à Europa — e, no continente europeu, Paris —, o autor apresentou suas preferências: as viagens “que dão emoções suaves, que não fadigam o corpo, nem agitam o espírito. São aquelas que dão o maior número de sensações agradáveis com os menores incômodos e os menores gastos possíveis”. Moralista e defensor do contato com a natureza, inspirado assumidamente em Rousseau e seu *Emílio*, que citou mais de uma vez, Latino defendeu que as viagens ideais eram aquelas realizadas para localidades pequenas e aprazíveis, à beira do mar ou de lagos, ao pé de colinas ou montanhas, ou ilhas, de clima saudável, ar puro, belezas naturais, além de contarem com a “bondade e simplicidade dos seus habitantes”. Assim, entre esses destinos “ideais”, o escritor ítalo-argentino escolheu o Brasil para iniciar sua narrativa, onde, nos meses de inverno, poder-se-ia fazer uma viagem das mais agradáveis e econômicas, conhecer novas e grandes cidades, admirar a natureza tropical e “panoramas estupendos, para não dizer insuperáveis em seu gênero”. O próprio autor adiantou-se aos possíveis questionamentos dos leitores em relação às grandes cidades: segundo ele, “não [havia] que se tomar certas afirmações e certos conselhos ao pé da letra”, pois antes de se instalar nos refúgios, devia-se conhecer as cidades mais importantes. E no Brasil, afirmou, nas imediações do Rio de Janeiro, São Paulo ou Santos, havia muitos “lugares verdadeiramente ideais de refúgio”, como a praia de Copacabana e as de Niterói, as ilhas da baía de Guanabara, as praias de José Menino, São Vicente e Guarujá, próximas à cidade de Santos (LATINO, 1925: 39-40; 60-69).

José Ceppi esteve pela primeira vez na baía de Guanabara, a bordo do vapor espanhol que o levaria até Buenos Aires, em dezembro de 1883. Conforme o próprio autor, como ele ia diretamente “tentar fortuna” na capital argentina, não tinha informações sobre o Brasil. Sabia apenas que fazia muito calor. E foi impactado na manhã seguinte com a paisagem “de sonhos”. Ao se referir ao calor, citou a carta de Sarmiento, escrita no Rio, em fevereiro de 1846, em que o autor de *Facundo e Viajes* reclamou enfaticamente da sensação esgotadora provocada pelo verão carioca.

Latino afirmou ter visitado o Brasil em maio de 1888 — mas não esclareceu o motivo da viagem, que possivelmente estivesse relacionada à cobertura dos eventos relacionados à abolição da escravidão, ocorrida naquele mês — e, com frequência, a partir de 1910, sempre

5

com o mesmo entusiasmo pelo panorama “insuperável” do Rio de Janeiro. O autor não precisou quantas foram as viagens e nem em que anos, mas informou que esteve no Brasil em julho de 1922 e julho de 1923, sendo o último, o ano da viagem relatada no livro.

O jornalista ítalo-argentino revelou que sempre preferia viajar “incógnito”, para poder escrever suas impressões “com toda a imparcialidade, sem estar ligado por deveres de cortesia ou de gratidão”. Ressaltou o caráter informativo e descritivo que pretendia dar à obra, “impressões passageiras do ponto de vista panorâmico e *turístico*”. Ou seja, o livro de Ceppi pretendia ser, assumidamente, uma espécie de guia para estimular e auxiliar os viajantes, sem se deter em considerações sobre a sociedade, a população, as instituições, os costumes, gostos artísticos etc., como o próprio autor esclareceu desde o início (LATINO, 1925: 70-76). Segundo Latino, o número de viagens de argentinos e uruguaios ao Brasil tinha crescido, em razão, principalmente, da divulgação, pelos jornais e revistas de diversas cidades sul-americanas, das comemorações do centenário da independência e da exposição universal que tinha sido realizada em 1922, além da propaganda dos grandes hotéis. Segundo o autor, “durante meses inteiros o Brasil entrou na moda e a pequena corrente já iniciada assumiu em 1922 as proporções de um rio caudaloso” (LATINO, 1925: 77-78).

O autor tratou, então, dos acessos ao Brasil desde Buenos Aires, por via terrestre e marítima, sendo a última mais rápida e menos cansativa. Latino se preocupou em informar o leitor sobre a qualidade dos vapores e o tempo de viagem (quatro dias de Buenos Aires ao Rio, com escalas nos portos de Montevideú e Santos). O autor mencionou que, àquela época, início da década de 1920, as viagens de recém-casados ao Rio de Janeiro já tinham se tornado um costume. Ele contou 18 casais em lua-de-mel no navio. Informações sobre a documentação, vacinas exigidas, temperaturas médias, vestimenta adequada etc. também constam do relato (LATINO, 1925: 78-82).

O narrador, como não poderia deixar de ser, descreveu as colinas e jardins da cidade de Santos, o movimento do principal porto do país, a “esplêndida” praia do Guarujá, o panorama da Serra do Mar e o trabalho de engenharia da estrada de ferro que ligava Santos a São Paulo, distância percorrida em apenas duas horas (LATINO, 1925: 82-95).

Sobre São Paulo, iniciou suas observações salientando a presença majoritária de italianos nas vilas operárias. Interessante observar que Latino, ao visitar o Museu e o monumento em homenagem à independência, ressaltou o viés pacífico da história do Brasil.

6

Caracterizou São Paulo como “uma cidade moderna de corte quase italiano” e “escolhida por gente endinheirada”, algo visível, por exemplo, na Avenida Paulista, na época ladeada por casarões e palacetes. Mas, ao mesmo tempo, chamou a atenção para a forte especulação imobiliária, o crescimento impressionante da cidade, com novos bairros, e o aumento da periferia, denominada por ele de “bairros externos”, “horripelmente feios, como em Buenos Aires”. Descreveu o centro da cidade — suas avenidas, ruas, praças, jardins públicos, viadutos, edifícios, monumentos, igrejas, comércio — e salientou que, com seus 600.000 habitantes, um “progresso rápido e contínuo”, imensa riqueza, indústria crescente, clima ameno, “não seria estranho” que São Paulo, “mais cosmopolita que o Rio de Janeiro”, chegasse a superar “em população e importância”, com o tempo, a capital da República. E fez questão, ainda, de destacar: “o mérito desse desenvolvimento corresponde também em boa parte à imigração italiana”. Citou o caso “célebre” do conde Matarazzo e chegou a afirmar que “em certos tipos de trabalho [...] o italiano desalojou o elemento nativo a tal ponto que em São Paulo desapareceram quase completamente os trabalhadores negros”. Afirmou não ter visto mendigos e que tudo respirava “bem-estar”. Apesar de algumas observações perspicazes sobre a capital paulista, alguns comentários, como estes últimos, foram, evidentemente, parciais, apressados e equivocados.

Após reconhecer que as comparações eram “odiosas”, afirmou que o movimento teatral e a qualidade dos cinemas em São Paulo, assim como no Rio, deixavam muito a desejar, se comparados com outras grandes capitais do mundo, inclusive Montevideu e Buenos Aires.

De São Paulo, o autor recomendou a ida ao Rio por via marítima, a partir do porto de Santos, já que “o material ferroviário do Brasil deixa[va] bastante a desejar” e os trens eram lentos (LATINO, 1925: 95-111).

Sobre a chegada à baía da Guanabara, o previsível: “como fizeram muitos outros”, conforme admitiu, Latino iria elogiar “as maravilhas da natureza” com “superlativos sonoros e ribombantes”. O autor citou uma longa passagem publicada em *La Nación*, sobre as impressões que do Rio havia trazido José Luis Murature, redator-chefe do jornal e ex-ministro das Relações Exteriores da Argentina: só com elogios à “cidade deslumbrante e deliciosa”.⁴

⁴ José Luis Murature era o ministro das Relações Exteriores da Argentina em maio de 1915, por ocasião da assinatura do tratado conhecido como ABC, entre Argentina, Brasil e Chile, que previa negociações trilaterais

7

Mas o ex-ministro não havia elogiado apenas a natureza, tinha enfatizado também o progresso material, assim como a cortesia e hospitalidade do brasileiro, e convidava o argentino a fazer turismo no Rio.

Após reclamar da demora da alfândega para liberar as bagagens, o texto seguiu com referências elogiosas: o autor comentou sobre as avenidas (em especial, a Av. Rio Branco), edifícios públicos e particulares, monumentos, e sobre as reformas urbanas realizadas na cidade, como, por exemplo, a derrubada do Morro do Castelo e o prolongamento da Av. Beira Mar. Entretanto, afirmou que, com exceção da Av. Rio Branco, o conjunto arquitetônico do Rio, de um modo geral, era simples e monótono. O capítulo seguiu tratando das excursões aos pontos turísticos “clássicos” do Rio nos anos 20 (e até hoje): Pão de Açúcar, Corcovado, Silvestre (parte do Cosme Velho), Floresta da Tijuca, Alto da Boa Vista, Santa Teresa, praias do Leme e Copacabana etc. Ao lado dos elogios previsíveis e manifestações de encantamento com a paisagem, apareceram algumas críticas negativas: sobre os Arcos da Lapa, o autor afirmou que a construção não era “elegante”, como afirmavam “certas publicações, mas todo o contrário”. Criticou, também, o Jardim Botânico, sobre o qual considerou que tinha uma “fama exagerada” e “certo abandono”. E o mesmo afirmou sobre o Jardim Zoológico.

O autor também visitou Niterói, algumas ilhas da baía, como a do Governador e Paquetá. Tratou das praias e da vista “esplêndida” da baía (LATINO, 1925: 111-149). E chamou a atenção do leitor para os tipos humanos que via nas barcas que ligavam o Rio a Niterói:

[...] homens, mulheres e crianças de todas as classes sociais, matronas inglesas ou alemãs acotovelando-se com negras corpulentas e robustas, estando representada toda a gradação de cores do cútis humano, desde o mais branco ao mais escuro, sem excluir o amarelo dos povos do extremo oriente, pois são muitos os japoneses existentes no Rio que se estabeleceram em Niterói. Era um dos meus passeios prediletos. E em cada um deles me ocorriam reflexões de índole social e econômica que não cabem nestas páginas de simples caráter turístico (LATINO, 1925, p. 149).

Ainda que não mencionado nesta passagem, o contraste dessa experiência com Buenos Aires, cidade onde o autor vivia desde a idade de 30 anos — nessa viagem ao Rio, em 1923, o autor contava com quase 70 anos —,⁵ é evidente. Em várias oportunidades do texto, o autor

para resolver conflitos pela via diplomática, a fim de evitar ações armadas entre os três países. Na época, chegou-se a dizer que Murature era um “Zeballos ao revés”. O tratado, entretanto, não foi aprovado pelos Paramentos da Argentina e do Chile e acabou fracassando.

⁵ Giuseppe Ceppi nasceu em Gênova, em 20 de outubro de 1953 (cf. MAYOCHI, 2003: 22).

8

comparou as principais cidades brasileiras, São Paulo e Rio de Janeiro, com Buenos Aires, Montevideu e, em alguns momentos, com cidades europeias. E dificilmente deixaria passar, sem nenhum comentário, apesar do caráter descritivo do relato, suas impressões sobre a população das cidades brasileiras visitadas. Em São Paulo, o destaque ficou por conta da presença italiana e, no Rio, da multiplicidade de “raças e cores”.

O relato continuou com as viagens às cidades da serra fluminense: Petrópolis e Teresópolis. Decepcionou-se com o aspecto urbano de Petrópolis, pois havia imaginado que a cidade “favorita do Imperador Pedro II” possuía edifícios e casas mais “elegantes e suntuosas”. Considerou Teresópolis, por sua vez, uma cidade “pitoresca”, pela proximidade à Serra dos Órgãos e os picos que a rodeavam. Em todos os caminhos na serra, enfatizou a beleza natural.

Ao final da narrativa sobre a viagem ao Brasil, o jornalista ítalo-argentino reconheceu que, ao optar pelo relato descritivo e informativo, de auxílio e estímulo aos futuros turistas, não disse nenhuma palavra acerca

das gentes, dos costumes, nem [...] da vida do Brasil em seus aspectos principais. Nada falei das instituições, dos homens notáveis, da literatura, do jornalismo, das grandes e pequenas indústrias, nem da forma como encaram os brasileiros seus problemas vitais, seu desenvolvimento futuro. [...] Até sacrifiquei por razões de brevidade e método as conversas que mantive com toda classe de pessoas, as cenas que mais de uma vez presenciei e que teriam dado mais animação, mais interesse e amenidade a estas páginas (LATINO, 1925: 158-160).

Depois do Brasil, o livro trouxe outros relatos das “viagens ideais” de José Ceppi: pelas ilhas Canárias, ilha da Madeira, cidades turísticas mediterrânicas do sul da Europa e principais balneários e cidades de veraneio da Espanha, França, Itália e Suíça.

Em relação ao Brasil, o relato é exemplar em relação aos interesses predominantes dos turistas argentinos, tanto na década de 1920 como ainda hoje: a fruição das belas paisagens, dos estupendos panoramas da cidade do Rio de Janeiro, das costas e praias de nosso imenso litoral, das regiões serranas e da vegetação tropical. E revela a presença crescente, estimulada pelas comemorações do centenário, em 1922, de nossos vizinhos em terras brasileiras. Latino encerrou a parte sobre o Brasil, em seu livro sobre as “viagens ideais”, citando o professor argentino Carlos Rébora, da Universidade Nacional de La Plata, delegado de sua instituição nas comemorações do ano anterior, ao se despedir do Rio de Janeiro: “Adeus país maravilhoso, [...] coração do continente...”, além de outros elogios enfáticos, comuns em

9

discursos oficiais (ou oficiosos). O relato interessa também como um testemunho do olhar estrangeiro, ainda que próximo, sobre algumas das principais cidades brasileiras na década de 1920, período de modernização e visíveis transformações na vida urbana.

José Ceppi (ou Aníbal Latino) era, em sua época, um autor muito conhecido na Argentina. Jornalista, por mais de duas décadas, do importante diário *La Prensa*, autor de vários livros que tiveram repercussão, como *Tipos y costumbres bonaerenses* (1885), ocupou um lugar importante na cena jornalística da capital argentina entre fins do século XIX e inícios do XX, além de ter dirigido, por vários anos, a Biblioteca do Congresso argentino.⁶ Viajante contumaz, Ceppi afirmou, em seu livro, que veio diversas vezes ao Brasil, ainda que não tenha informado quantas foram essas viagens e nem todos os destinos. Seu relato teve como pretensão auxiliar, com informações úteis, os futuros turistas argentinos que resolvessem vir ao Brasil. Mas, ao leitor de hoje, o relato da viagem revela-se uma fonte útil para compreender as visões predominantes sobre o Brasil nos países vizinhos.

Como tenho procurado demonstrar em outros trabalhos que compõem esse projeto,⁷ sem negar as dificuldades históricas dos intercâmbios entre o Brasil e os demais países latino-americanos, vários exemplos demonstram que, a despeito do propalado desconhecimento, houve iniciativas e projetos efetivos e importantes que promoveram o conhecimento mútuo, principalmente a partir do início do século XX. O misto de relato e guia de viagem sobre o Brasil, escrito por José Ceppi, foi uma dessas iniciativas para promover o intercâmbio entre o Brasil e a Argentina, nas primeiras décadas do século passado.

Referências Bibliográficas

BAGGIO, Kátia Gerab. Dos trópicos ao Prata: viajantes brasileiros pela Argentina nas primeiras décadas do século XX. *História Revista*. UFG, v. 13 n. 2, p. 425-445, 2008.

_____. La Argentina según Oliveira Lima. Impresiones de viaje, vida política y sociabilidad intelectual (1918-1919). In: MAILHE, Alejandra (comp.). *Pensar al otro / pensar la nación*. Intelectuales y cultura popular en Argentina y América Latina. La Plata: Al Margen, 2010a, p. 96-138.

⁶ No livro, Ceppi menciona que chegou a ter artigos publicados na imprensa brasileira e que era conhecido no meio jornalístico do Brasil (cf. LATINO, 1925: 75). Mas não foi possível, até o momento, obter a confirmação dessa informação.

⁷ Cf., entre outros: BAGGIO, 2008; BAGGIO, 2010a; BAGGIO, 2010b.

10

_____. Ronald de Carvalho e *Toda a América*: diplomacia, ensaísmo, poesia e impressões de viagem na sociabilidade intelectual entre o Brasil e a Hispano-América. In: BEIRED, José Luis Bendicho; CAPELATO, Maria Helena; PRADO, Maria Ligia Coelho (orgs.). *Intercâmbios políticos e mediações culturais nas Américas*. Assis: FCL-Assis-UNESP; São Paulo: LEHA-FFLCH-USP, 2010b, p. 143-190. Disponível em: www.fflch.usp.br/dh/leha (acesso em 14 de janeiro de 2013).

CEPPI, José (Aníbal Latino). *Cuadros sudamericanos*. Buenos Aires: Librería Universal, 1888.

LATINO, Aníbal. *Viajes ideales*. Buenos Aires: Librería y Casa Editora de Jesús Menéndez, 1925.

MAYOCHI, Enrique Mario. Aníbal Latino, cronista de Buenos Aires. *Historias de la ciudad – Una revista de Buenos Aires*. Buenos Aires, n. 20, abril de 2003, p. 22-30. Disponível em: www.la-floresta.com.ar/documentos/aniballatino.doc (acesso em 14 de janeiro de 2013).